

A MELANCOLIA NA POESIA DE ABGAR RENAULT

THE MELANCOLY IN THE POETRY OF ABGAR RENAULT

Márcia Valéria Bianchetti
Mestranda em Literatura Brasileira
Centro de Ensino Superior CES/JF
(marciabianchetti@hotmail.com)

RESUMO: Esse artigo aborda a questão da melancolia na poesia de Abgar Renault. O nosso objetivo é buscar as possíveis causas da recorrência desse sentimento em sua lírica, tomando como ponto de partida o pressuposto de que a melancolia adquire valor simbólico e nos leva a entender melhor as relações estabelecidas entre a poesia e o mundo moderno. Como aparato teórico, utilizaremos a análise de Walter Benjamin a respeito da perda da aura do artista moderno, que, segundo o referido autor, representa a desestabilização dos valores e certezas absolutas que fundavam a tradição. De um modo geral, a temática da melancolia abriga a cosmovisão do poeta moderno, destituído de suas tradições e confrontado a uma problemática inerente à modernidade. Também abordaremos aqui um dos principais problemas que envolve a modernidade: a noção de desencantamento do mundo, proposta por Max Weber.

Palavras-chave: Melancolia; Poesia; Abgar Renault

ABSTRACT: This article approaches the question of melancholy in the poetry of Abgar Renault. Our goal is to find possible causes of recurrence of this sentiment in his lyrics, taking as its starting point the assumption that melancholy acquires symbolic value and leads us to better understand the relations between poetry and the modern world. As a theoretical apparatus, we'll use Walter Benjamin's analysis about the loss of the aura of the modern artist that, according to the author, represents the destabilization of values and absolute truths that founded the tradition. In general, the theme of melancholy involves the worldview of the modern poet, stripped of their traditions and faced with a problem inherent to modernity. We'll also cover one of the key issues surrounding modernity: the notion of disenchantment of the world, proposed by Max Weber.

Keywords: Melancoly; Poetry; Abgar Renault

Introdução

O estudo da melancolia, como traço recorrente em escritores contemporâneos, é de ordem literária, política e filosófica e, relacionando-o à poesia de Abgar Renault, vamos buscar entender em que medida a melancolia permeia a obra desse poeta.

Abgar Renault nasceu em 15 de abril de 1901, em Barbacena, Minas Gerais. Foi casado com Ignez Brant com quem teve dois filhos, Caio Márcio e Luiz Alberto. Entre as várias funções que exerceu destacamos aqui sua atuação como professor do Ginásio Mineiro, da Universidade Federal de Minas Gerais, do Colégio

Pedro II; deputado no estado de Minas Gerais, Diretor da Secretaria do Interior e Justiça do mesmo estado, Secretário do Ministro da Educação e Saúde Pública Francisco Campos e seu Assistente na Secretaria de Educação e Cultura do Distrito Federal.

Em relação à sua escrita poética, Abgar Renault foi, durante mais de 70 anos, relutante em se deixar publicar. Por isso, um estudo geral sobre sua poesia só foi possível a partir de 1990, quando, então, o próprio Abgar selecionou uma coletânea de seus textos, pelo menos daquilo que ele julgou ser o melhor de seu trabalho, e a entregou ao mercado editorial para ser publicada com o título de **Obra poética**.

Obra poética é uma coletânea que reúne mais de duzentas páginas de poesias escritas entre os anos de 1923 e 1986. Interessante observar que, ao nos depararmos com a obra de Abgar Renault, percebemos nela uma simultaneidade de estilos e temas produzidos em décadas distintas. Isso quer dizer que em anos aproximados, Abgar escreveu poemas de estilo conservador ao lado de experiências concretistas e, em períodos cronologicamente muito distanciados, encontramos poesias que possuem traços semelhantes, apesar de terem sido escritos em épocas bem distintas. Porém, como afirma Oliveira (2005), predomina em Abgar Renault a existência de um poeta eternamente barroco, vivendo todas as contradições de seu tempo, sobretudo as do espírito contemporâneo cuja retórica enfatiza o pessimismo, o sentimento de perda ou do objeto sem função. Esses sentimentos negativos nos permitem dizer que o poeta compreendeu bem as angústias de seu tempo, mantendo-se fiel a si próprio. Em **Obra poética**, a constante renovação de estilos e temas convive com outros que nunca abandonaram completamente o poeta e que, por isso, podemos afirmar que são recorrentes ao longo de toda sua produção poética.

Como político e educador, Abgar Renault participou na reconstrução e modernização do Brasil, no Estado Novo e, segundo Marques (1998), à medida que o homem público Abgar Renault ajudava a reconstruir as novas diretrizes do país, decepcionava-se com os entraves burocráticos ou interesses pessoais postos no caminho para o desenvolvimento da nação. De acordo com Oliveira (2005), apesar das muitas decepções que pontilharam o percurso de homem público, Abgar Renault nunca deixou de atuar como educador. Sua luta pela educação apoiava-se num realismo pessimista. Reconhecia que a educação estava a serviço da violência, da luta pelo poder e protestava contra isso. Além das preocupações com o destino da nação, o

poeta atravessou o século XX assistindo a duas grandes guerras mundiais e às transformações advindas delas o que o levou a escrever versos sobre esse tema, mostrando sua descrença na humanidade.

Para compreendermos como o sentimento de tristeza e pessimismo se manifesta na obra de Abgar Renault, faz-se necessário perceber a história como ruptura e perda da aura que, segundo Benjamim (1985), representa a desestabilização dos valores e certezas absolutas que fundavam a tradição.

Dessa forma, a melancolia adquire um valor simbólico que nos leva a entender melhor as relações estabelecidas entre a poesia e o mundo moderno, em que se destacam a noção de ruptura e busca do novo como valores fundamentais de uma sociedade desenvolvida. Conforme declara Marques (2002), a modernidade, no seu ato de ruptura, estabelece uma incomunicabilidade entre o poeta e seu tempo o que desencadeia um processo de auto-aniquilação tal como vemos ilustrado na poesia de Abgar Renault.

Ainda segundo Marques (2002), a temática melancólica é uma contraposição à racionalidade instrumental e técnica que é a base do projeto de reconstrução e modernização do Brasil, tal como foi concretizado pelo Estado Novo, do qual, como já afirmamos, o poeta participou como político e educador.

Neste artigo, abordaremos um dos principais problemas que envolve a modernidade: a noção de desencantamento do mundo, proposta por Max Weber.

Partimos da hipótese de que a recorrência melancólica na lírica de Abgar Renault é resultado das questões problemáticas que envolvem forma artística e o processo histórico da modernidade. Dessa forma, percebemos o tom melancólico da escrita e a reflexão crítica nas poesias de Abgar Renault como uma problematização dos pressupostos da modernidade e a sua relação com o poeta e o mundo que o cerca.

O desencanto com o mundo contemporâneo na lírica de Abgar Renault

As questões filosóficas e literárias acerca da melancolia, que passaremos a demonstrar na poesia de Abgar Renault, denuncia os pressupostos da modernidade através do olhar de um sujeito lírico-melancólico. Vamos encontrar, na poesia de Renault, suficiente aparato textual para analisar a abordagem da relação

conflituosa instaurado entre o poeta e o mundo moderno. Presente em **Obra poética**, “Poema retrógrado” é um autêntico exemplo do estranhamento do poeta em relação ao contexto-social moderno dominado por sentimentos mecanicistas e causalistas que geraram um desencantado mundo de alienação:

Poema retrógrado

- o que é muito mais que ver –

[]

nunca jamais saberia
desta civilização
hirta, crassa, espessa, grossa,
de atropelos e estampidos,
de vocês e anacolutos,
de estratégias e de enfoques,
problemas e problemáticas,
plásticos e poluição,

[]

muito relacionamento
e muita autenticidade
em seqüestros e massacres;
de pré-cozidos, pré-feitos,
pré-estreia, pré-comida,
pré-escolhidos e pílulas.
(RENAULT, 1990, p. 163-164)

A crítica no poema é dirigida à civilização moderna, principalmente quanto à questão dos relacionamentos humanos que, segundo o poeta, apresentam “autenticidade em sequestros e massacres” e do estilo de vida “de atropelos e estampidos/ problemas e problemáticas” onde tudo é realizado apressadamente “pré-cozidos, pré-feitos”, impulsionado por conquistas científicas “pré-escolhidos e pílulas”.

Conforme afirma Max Weber (1980), a modernidade é definida como o resultado de um processo de racionalização que passou tanto pelo campo da economia e da política, quanto pelo da cultura. Portanto, para compreendermos melhor como se formou a concepção de vida moderna, utilizaremos as definições de Weber (1980) aplicadas aos campos econômico, político e cultural. Weber (1980) nos diz que a racionalização econômica marcou o fim de uma concepção de economia de auto-subsistência, inerente ao feudalismo, dando lugar ao Estado nacional e suas práticas financeiras fundamentadas na eficácia, previsibilidade e calculabilidade.

Já a racionalização política substituiu a descentralização do poder por uma forma absolutista de Estado que, por sua vez, foi substituída por um Estado moderno cuja estrutura foi baseada na centralização do sistema tributário. Por fim, temos a questão da racionalização cultural, que nos levou à dessacralização das concepções tradicionais de mundo e à sua automatização progressiva em diferentes esferas, tais como a ciência, a moral e a arte.

Weber (1980) mostra que a instauração da modernidade cultural é resultante da associação entre o processo de formalização da razão e o advento do desencanto da realidade. O racionalismo destituiu os valores tradicionais ligados ao mítico e ao sagrado, substituindo-os por uma concepção de conhecimento baseada em relações mecanicistas e causalistas. Esse contexto de perda de visões tradicionais de mundo foi trocado por um lugar onde predomina a lógica utilitária e a ética pragmática, o que acarreta uma experiência de estranhamento em relação ao mundo.

Conforme relata Oliveira (2005), Abgar Renault, em 1926, através de suas crônicas jornalísticas, ironizava as indiscriminadas adoções dos novos aparelhos do progresso com suas inovações tecnológicas, que anunciavam mudanças na vida urbana. Porém, a crítica ao mundo moderno não é dirigida somente às novas tecnologias e comportamentos. Também alcança mudanças mais profundas, preceitos filosóficos implícitos em certas postulações científicas como lemos nos versos do poema S.O.S :

Deus já foi expulso do universo
pela física nuclear;
diante do bem, diante do mal,
a humana inteligência é neutra
como o deserto chão da lua
(RENAULT, 1990, p. 156)

O poema acima, cujo título encerra um pedido de socorro, revela a percepção do poeta sobre a modernidade, que prioriza o pensamento racional – neutro diante do bem e do mal - em detrimento do mítico e do sagrado.

De acordo com Marques (2002), os traços da melancolia, como o sentimento de perda e atitude de contemplação não são tomados como signo de renúncia, mas sim como problematização do mundo moderno, como pensamento de

resistência e contraposição ao caráter indiscutível que o racionalismo adquiriu no ocidente.

Essas questões encontram-se tematizadas na poesia de Renault, revelando-nos o distanciamento do sujeito lírico em relação ao mundo, no qual ele não se reconhece e, muitas vezes, sente-se à sua margem. Há de se perceber a relação conflituosa entre o poeta e a modernidade em versos como:

Soneto Branco

Que importa esta cidade de cimento
com seus ombros e pulsos de aço e ferro?
Que importa este ar fendido de asas brucas,
perfurado de fios e gritos?

E a fulminante flor de fumo,
que emerge da matéria dividida?
E as escarpadas casas sem aurora?
E as ruas derretidas sob as rodas?

- Cego por intenção, ó vago Nume,
vejo apenas, no mundo ensurdecido
por homens e por máquinas sem sonho,
o invisível escoar do teu silêncio,
nele confluio, fugitivo, e afundo
meu reino transeunte e meu exílio
(RENAULT, 1990, p. 183)

Percebemos que as indagações na poesia refletem o desalento do poeta diante da postura do homem moderno que constrói suas cidades de cimento, mas se esquece de construir sonhos e de se comunicar com o seu semelhante, restando-lhe, então, o exílio para dentro de si. Esse contexto de perda de visões tradicionais do mundo é também lugar do predomínio de uma lógica utilitarista e uma ética pragmatista, do que resulta a experiência humana de estranhamento em relação ao mundo e a si mesmo em meio à multidão.

A poesia de Aagar Renault, como constatamos, tematiza a problemática evidenciada por Max Weber, que descreve o advento do capitalismo como domínio da lógica da circulação das mercadorias e do acúmulo de capital, responsável por um quadro sócio-econômico-cultural marcado por muitos aspectos desfavoráveis ao ser humano, principalmente, aos ligados à sobrevivência do homem no mercado de trabalho que caracteriza o mundo capitalista.

Os questionamentos levantados em *Condição humana/III* nos faz perceber a manifestação da melancolia através da tematização das dúvidas e impasses provocados pela cultura da modernidade, como, por exemplo, o sentimento de perda de si, tão fortemente presente nos versos abaixo. Vemos, no poema, o sujeito melancólico lastimar-se pela ausência do “objeto perdido” que, constantemente, procura resgatar pela memória até como forma de sobrevivência:

Condição humana/III

Em vão Homem de si foge e se esquece:
seu caminho e memória vivem no ar,
e sem querer ele relembra, e desce
túneis e selvas para regressar. []
(RENAULT, 1990, p. 266)

Segundo Kehl (2004), o melancólico preserva uma atitude amarga e pouco esperançosa diante da vida, e parece tão preso ao passado, que lhe torna impossível esquecer as supostas causas da infelicidade. Porém, na tentativa de retornar esse objeto perdido, o melancólico se utiliza do sujeito da memória.

O tema do objeto perdido e não renunciado retorna como forma de manter a sobrevivência de algo que pertence ao passado. Kristeva (1989) enfatiza a ideia de que o melancólico, fixado ao passado, é uma memória estranha. “tudo findou ele parece dizer, mas eu permaneço fiel a essa coisa finda, estou colado a ela, não há revolução possível, não há futuro...” (KRISTEVA, 1989, p.61). Nos dizeres do próprio poeta Abgar Renault, constatamos esse fato: “ser feliz é ser outro em outro tempo” (RENAULT, 1990, p. 272).

Para o poeta, toda a comunicação moderna com sua sofisticação à base de “telegráfo, telefone, computador”, e com sua velocidade e praticidade não substitui os tempos de outrora, quando o contato humano não era feito à distância ou através de máquinas. Na visão do poeta, os “dizeres de luar dos meus outroras.” guardariam mais valor do que qualquer inovação futura:

Perto e longe dos anos 2000

Meus olhos não verão o ano 2000:
Não viajarei a Londres por telegráfo,
Não trocarei de tacto, nem de ouvidos,
Não porei no meu sexo quatro sexos;
Não usarei jamais o telefone
Para matar alguém em Bombaim;

Os fermentos do amor jamais terei
 Elaborados por computador
 Carregados no bolso do colete
 E nem escreverei meus poemas no ar.
 Mas nada disso me comove,
 E eu dera todo o século que vem
 E mais algumas horas por um só
 Dos dizeres de luar dos meus outroras.
 (RENAULT, 1990, p. 247)

O poeta também faz críticas a uma sociedade em transformação, cujos costumes e valores o perturbam. A denúncia aos abusos linguísticos, profissionais e políticos foi escrita tanto em verso quanto em prosa:

Vivemos em um mundo insone, de céus turvos, horas bruscas, homens tempestuosos, para quem o império da lei vale menos do que a presença da autoridade, mundo em que a segurança e a tranquilidade foram banidas; mundo de velocidade em que todos vivem atrasados e a paciência deixou de existir. Em que o excesso dos meios de locomoção já ameaça a humanidade de deixar de locomover-se (...) dentro do tumulto da informação, que atordoia os ouvidos e atormenta os olhos, o homem convenceu-se com Mc Luhan de que os meios de comunicação possuem mais significado do que as tais mensagens por elas transmitidas.
 (NÓBREGA, 1973, p. 29)

Nesta acirrada crítica aos costumes, Abgar Renault não poupa o Rio de Janeiro, expondo sua repulsa à ignorância e ao hedonismo no tumulto da cidade:

38º à sombra

Sol, um solde analfabetos, de moscas, nítido, suarento,
 E ruídos expulsos de ignotas máquinas que estridem no ar
 Enchem o dia de sobrenatural subdesenvolvimento.
 Estão as praias repletas de inefáveis ignorantes
 Emoldurados em águas mornas, mentes arquejantes,
 Automóveis, caminhões, ônibus e motocicletas a rebusnar.
 (RENAULT, 1990, p. 115)

De acordo com Oliveira (2005), para o poeta é difícil compreender o mundo que parece estar envolto pela banalização dos relacionamentos mais íntimos. Em “Elegia às moças sem frutos”, o poeta nos fala de jovens com hábitos modernos, saberes e ignorância. Sua escrita revela uma ironia triste, principalmente quando ele compara os novos costumes com o de sua juventude, mostrando-se

decepcionado com as novas tendências. Para o poeta, a perda de certos valores éticos-morais e culturais representa motivo de tristeza, levando-o a uma expressão melancólica.

Elegia das moças em fruto

Sois lógicas e absurdas, transparentes e maciças,
 Mascais impreteríveis chicletes, desconheceis todas as missas,
 Dirigis a velocidade, enfrentais desonra, sabeis russo e inglês,
 Sem saberdes a vossa língua; nadais, voais, gritais, fumais, bebeis,
 Fundais abismos rindo os claros dentes, e a vossa exposta
 intimidade
 É logradouro de qualquer cidade.

[]

Dentro da minha desolação, horrores sobre os vossos corpos
 chovem lestos; ó virgens que nunca fostes, e de ninguém duzentas e
 tantas vezes viúva, vesti os vossos puídos intermináveis, abri esses
 furados guarda-chuvas e rogai a Santa Rita dos Impossíveis pelos
 vossos restos (RENAULT, 1990, p. 294).

Ainda segundo Oliveira (2005), Renault não deixou de denunciar, em sua poesia, a impregnação do cotidiano pela parafernália tecnológica e publicitária, pela pausterização de sons, imagens, sonhos e prazeres, convertidos em objetos de consumo, como se vê nos versos abaixo:

Poema retrógrado

[]

18.000.000 de ruídos:
 buzinas, sereias, rádios,
 vitrolas e toca-discos
 perfuratrizes elétricas
 britadores, automóveis
 caminhões, motocicletas,
 gritos, berros, uivos, urros,
 a anunciar o inexistente
 mais o por não existir
 e a exclamar, sem intervalos,
 no doce dia das mães:
 “Entre logo; é aqui mesmo!
 Entre! Coração de mãe
 Nunca se engana de loja”.
 (RENAULT, 1990, p. 162)

Outro traço característico da poesia de Abgar Renault consiste na atitude de autocrítica do sujeito para consigo mesmo, sob a luz de severas recriminações. Evidenciamos sentimentos assim em poemas como “O que dói em mim” cujos

versos revelam: “Não me dói o que sou:/dói-me, sim, o que fui/ no uso que fiz de mim (RENAULT, 1990, p. 103).

Lambotte (2000) afirma que como doença do pensamento em excesso, a melancolia alimenta tanto a reflexão filosófica quanto o espírito que anima o poeta. O desejo de isolamento é uma necessidade do sujeito lírico de se afastar da realidade com a qual não se identifica e por isso mesmo constantemente questiona. Portanto, esse distanciamento da realidade, que para alguns poderia ser interpretado como falta de engajamento social, é, na verdade, pretexto para uma reflexão sobre os impasses da humanidade:

Na derradeira escuridão

Recolhamos nossas almas e nossas vidas
na escuridão das últimas luzes apagadas,
e vamos recordar as rezas esquecidas
ao sol e ao luar de outras estradas,
íntimas rezas, de raízes fundas,
que fino ferem a surdez de Deus.
Vamos dizer-lhes, nas rezas sem voz,
de que aflitas cores povoamos a claridade que nos deu,
como partimos ávida, como a vida vai minguando, minguando,
e o mundo, que tornamos tão pequeno, se fecha sobre nós,
e a terra, o céu, e as águas onde erra a nossa sorte
vão fundir-se no grande escuro grávido de morte,
que as mãos cegas andaram semeando.
Vamos acordar na derradeira escuridão
as rezas nuas soterradas no chão ruim do coração.

(RENAULT, 1990, p. 264)

Diante de tantas contestações acerca da realidade moderna, o poeta à maneira de Carlos Drummond de Andrade, assemelhou-se ao *gauche*. *Gauche* é basicamente o indivíduo desajustado, marginalizado, à esquerda dos acontecimentos, conforme explica Sant’anna (1992), que prossegue afirmando que entre o *gauche* e a realidade existe uma disritmia, onde o primeiro rompe com a harmonia normal, introduzindo seu ritmo próprio, que não coincide com o andamento comum. No poema “Sobre este rio”, o poeta, à maneira do *gauche*, demonstra estar em descompasso com a realidade que o circunda. Nas palavras de Sant’anna :“Essa ruptura é resolvida, no caso do artista, em termos estéticos, pela construção de uma obra de arte, que funciona como ponte entre ele e o mundo”(1992, p. 59).

Sobre este rio

Neste ápice das horas me procuro
e não sei onde está minha presença.
(Acaso não serei ponte suspensa
entre o vão do passado e o do futuro?)

Vapor de diferença e indiferença,
de nenhum lado estou do triste muro,
com que convivem o meu passo escuro
e a névoa sem degraus, que se condensa.

Em que desvão do tempo estou ausente?
Inclino o pensamento circunflexo
sobre este rio em que vegetam mágoas,

Sem me encontrar na viagem da torrente:
sou transcendência arqueada no ar sem nexos,
forma difusa na intenção das águas.

(RENAULT, 1990, p. 260)

Considerações finais

Neste artigo, buscamos demonstrar a poesia de Abgar Renault a partir da conjugação da temática da melancolia a certos tópicos que particularizam o mundo contemporâneo. Foram feitas associações entre a melancolia presente na poesia de Renault e a questão do desencanto do mundo. Dentre as principais características apontadas até aqui como traços melancólicos recorrentes em sua poesia estão: a necessidade de retorno ao passado, como tentativa de apreender os eventos significativos que se opõem ao presente; a diminuição da auto-estima, levando ao empobrecimento do ego e, por último, a presença do gênio criativo cujo olhar revela uma atitude melancólica contemplativa não tomada como símbolo de renúncia, mas sim como postura crítica em relação ao mundo racional.

Assistimos, através das poesias aqui apresentadas, a várias pequenas lutas travadas com palavras e memória na tentativa de recuperar os objetos perdidos. Nesse sentido, concluímos que o estado melancólico representa uma mediação entre a poesia de Abgar e o mundo moderno, servindo de crítica à hegemonia do racionalismo moderno.

Referências

- BENJAMIM, W. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. In:_____. **Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- KEHL, M. R. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- KRISTEVA, J. **Sol negro: depressão e melancolia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.p.28-29.
- LAMBOTTE, M.-C. **Estética da melancolia**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- MARQUES, R. Tempos modernos: poetas melancólicos. **Revista do centro de Estudos Portugueses**, FALE/UFMG, v.22, nº 31, p. 13-25, jul.-dez. 2002.
- NÓBREGA, V. L. (org.). **Homenagem a Abgar Renault**. Discursos. Oficinas Gráficas do Colégio Pedro II, 1973.
- OLIVEIRA, S. R. de. **Itinerário de Sofotulafai: (auto) biografia literária de Abgar Renault**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.
- RENAULT, A. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- SANT'ANNA, A. R. de. **Drummond o gauche no tempo**. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- WEBER, M. **Textos selecionados**. Trad. Maurício Tragtenberg. São Paulo: Abril Cultural, 1980.